

“O manifesto de todos nós”: a abordagem do folheto de Abraão Batista às manifestações de junho de 2013¹

Gislene Carvalho²

RESUMO

No mês de junho de 2013, uma série de manifestações aconteceu no Brasil, reunindo cerca de 1 milhão de pessoas em aproximadamente 80 cidades. Essas manifestações, de alto valor-notícia, por atenderem a diversos critérios de noticiabilidade do jornalismo, foram noticiadas em uma série veículos de comunicação, incluindo as redes sociais e os folhetos de cordel. Neste trabalho, observamos a abordagem feita pelo poeta Abraão Batista no folheto “O manifesto de todos nós”, em que podemos perceber também a existência de critérios de noticiabilidade, ao mesmo tempo que acontece uma mistura entre informação e opinião, aproximando o folheto de uma crônica sobre os protestos.

PALAVRAS-CHAVE

Cordel – critérios de noticiabilidade – manifestações.

“The manifest of us all”: the approach of the Abraão Batista demonstrations June 2013

ABSTRACT

In June 2013, a series of protests occurred in Brazil, gathering approximately 1 million people in about 80 cities. These manifestations of high news value, for meeting many journalistic criteria of newsworthiness, were reported in different communication media, including social networks and *cordel* brochures. In this study, we observed the approach taken by the poet Abraão Batista in the brochure “The protest of us all”, in which we can also notice the existence of newsworthiness criteria and, at the same time, a mixture between information and opinion, the brochure approximating a chronicle on the protests.

KEYWORDS

Cordel Literature - Newsworthiness Criteria, Protests.

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no GP Folkcomunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Manaus, Ufam, 4-7 de setembro de 2013), e publicada nos anais do congresso.

² Jornalista, professora de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFCE). Mestre em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: mgisacarvalho@gmail.com.

Introdução

Durante o mês de junho de 2013, com mais ênfase no período que coincidiu com a Copa das Confederações, várias manifestações aconteceram em cidades brasileiras e no exterior, apontando insatisfações de origens diversas e protestando a favor de mudanças estruturais nos contextos político e econômico nos quais o Brasil está inserido. Em uma época em que o acesso às redes sociais se faz presente, as convocações de passeatas, manifestos e protestos tiveram um amplo alcance e levaram milhares de pessoas às ruas, pedindo um país diferente.

Além da peculiaridade de ter reunido uma grande quantidade de gente mobilizada nas ruas, as manifestações foram marcadas por contemplar demandas diversas: preços de passagens de transporte público, combate à corrupção e à violência, melhoria nos serviços públicos de saúde e educação, combate à homofobia, à redução da atuação do Ministério Público etc. E a atuação midiática, combinando os novos meios aos tradicionais, possibilitou uma cobertura diferente, na qual todo mundo era, de algum modo, produtor de notícia.

E os folhetos de cordel não ficaram de fora dessa cobertura. Com um modo de produção diferenciado dos jornalistas, mas próximos, talvez, da produção de notícias nas redes sociais, os poetas registram os acontecimentos, os transformam em poesia, opinam e permanecem cumprindo sua função de informar, de transmitir notícias e de registrar a memória cotidiana. Neste trabalho, analisamos a construção textual do folheto de Abraão Batista, “O manifesto de todos nós”, em que o cordelista aborda as características mais marcantes das manifestações e tece seus comentários sobre o que apreendeu pela mídia de massa.

Para a realização deste trabalho, fizemos uma revisão bibliográfica referente às utilizações do cordel como veículo de transmissão de informações, além de entretenimento. Nesse sentido, buscamos identificar no folheto de Abraão Batista, mediante uma análise de conteúdo, os critérios de noticiabilidade manifestos no texto, o qual não se propõe a ser jornalístico, mas parte de uma factualidade e constitui o autor como um agente folkcomunicação. Sobre esses agentes, como propõe Beltrão (2004), buscamos

Estudar-lhes a linguagem, situar em sua mensagem, aparentemente distante do propósito informativo-opinativo porque na maior parte das vezes destinada especificamente a preencher ócios, proporcionar mero entretenimento ou fazer negócio – situar-lhe o conteúdo rico em significados, que produziria no ouvinte, no leitor ou no assistente o mesmo efeito da retórica jornalística entre os receptores do outro Brasil. (BELTRÃO, 2004, p. 52).

Assim, por meio da análise de conteúdo, realizamos um estudo comparativo entre os enunciados construídos nos versos e o contexto das manifestações de junho de 2013, as quais não tiveram apenas a mídia massiva como transmissora, mas também as redes sociais (que não são nosso foco de análise neste momento) e veículos alternativos populares como o folheto de cordel.

Este é um trabalho inicial em que relacionamos o jornalismo e os folhetos noticiosos como forma de difundir informações, buscando aproximações e distinções entre ambos. Nosso objetivo é encontrar os traços característicos da notícia veiculada no cordel e percebermos sua representatividade em um momento de coexistência com as mídias eletrônicas e instantâneas. Para esta análise, é necessário refletirmos sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, tanto para o jornalismo quanto para os folhetos, e o agendamento que transita pelas mídias que fizeram as coberturas das manifestações. Juntamos a isso os conceitos e características do cordel que o apontam como veículo midiático de informação para finalmente retomarmos a abordagem realizada pelo poeta Abraão Batista em seu folheto.

As manifestações

Junho de 2013 teve dias que fugiram da rotina para o Brasil inteiro. Fatores como insatisfação gerada pelo aumento dos preços de passagens do transporte público, propostas de emendas constitucionais, corrupção, alta carga de impostos, gastos gerados pela realização da copa do mundo de futebol, problemas causados por baixos investimentos nos setores da educação e da saúde, elevado índice de violência, além reivindicações de grupos sociais por respeito e direitos iguais aos indivíduos, levaram milhares de pessoas às ruas como forma de protesto.

Cada um ia para a rua portando sua própria bandeira ideológica. Uma das grandes peculiaridades dessas manifestações foi a multiplicidade de interesses. Não havia um único foco, não era uma mudança única que estava sendo exigida. “Não é só por 20 centavos”, diziam muitos dos cartazes carregados. O *slogan* referia-se ao valor do aumento das passagens na cidade de São Paulo (SP) e a tudo o que estava por trás dele. Cada indivíduo defendia seus próprios ideais de país melhor e, juntos, formaram uma rede de protestos que ecoou pelo Brasil

afora, com manifestações em aproximadamente 80 cidades no dia 20 de junho, segundo o portal Pragmatismo Político³. No exterior, as manifestações também repercutiram, sendo noticiadas por diversos veículos, entre os quais *El País* [supõe-se que seja a edição América do *El País*] e *La Nación*, na Argentina, *The New York Times*, nos Estados Unidos, e *The Guardian*, na Inglaterra, segundo o site do jornal *Extra*⁴. [alterações ok?]

Tais manifestações, que contaram com a adesão de inúmeros grupos com ideias diferentes, acabou traduzindo as próprias discordâncias existentes no âmbito do movimento. A falta de um interesse unificador, de uma proposta que centralizasse todos os desejos dos manifestantes fez que muitos discursos contraditórios surgissem. Assim, grupos que lutavam contra a Rede Globo de Televisão e outros grandes veículos de comunicação [ok? A seguir a autora tb vai falar da Rede Record] cantavam vitória quando a própria Globo noticiava as manifestações – abrindo mão até mesmo de parte de sua programação do dia 20 de junho de 2013 e produzindo no mesmo dia uma edição do *Jornal Nacional* com 1 hora e 20 minutos de duração⁵ –, sem falar da Rede Record de Televisão, que no *Jornal da Record* apresentou 1 hora e 45 minutos de cobertura das manifestações⁶. Outros grupos de manifestantes rejeitavam a utilização de bandeiras de partidos políticos. A rejeição aos partidos fez surgir a ideia e os boatos de um possível golpe de Estado nas redes sociais⁷, provavelmente realizado pelas Forças Armadas, como no ano de 1964, quando se instalou a ditadura militar no Brasil.

Havia quem defendesse protestos pacíficos, enquanto outros achavam que pichações e depredações chamariam mais a atenção da sociedade. Esses últimos foram considerados “vândalos” que estavam manchando a imagem do movimento. Ao grupo dos “vândalos”, tal qual classificado pela mídia de massa⁸, também se incluíam saqueadores. Por outro lado, havia quem defendesse que determinadas ações classificadas como vandalismo eram na verdade iconoclastias que serviriam para chamar a atenção da sociedade e para dar uma marca ao movimento.

³ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/mais-de-80-cidades-realizam-manifestacoes- hoje-no-brasil.html>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

⁴ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/protestos-sao-destaques-em-jornais-internacionais- 8765970.html>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

⁵ Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/para-assinantes/v/jornal-nacional- edicao-de-quinta-feira-20062013/2646599>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wrMhaZDW-yQ>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/GolpeMilitar2014?fref=ts>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

⁸ Editorial do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 8 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,puro-vandalismo-,1040106,0.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

A repressão policial aos manifestantes chamou atenção. No início das manifestações em São Paulo pela redução dos preços das passagens, os manifestantes alegavam que sofriam agressões por parte da Polícia Militar sem motivo aparente. Por sua vez, policiais diziam que os acordos prévios de localização das manifestações estavam sendo desrespeitados. Até que em uma manifestação específica, repórteres que estavam cobrindo os protestos começam também a ser agredidos pelos policiais, com balas de borracha, *spray* de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo, e até mesmo ser presos por portarem vinagre (material que neutraliza os efeitos do gás lacrimogêneo). Nesse momento, a cobertura midiática se intensifica e muda de orientação. A mídia de massa deixa de considerar os ativistas meros baderneiros, passando a adotar um novo enfoque dos protestos como algo positivo, como podemos perceber no discurso do *Jornal Nacional*⁹.

As redes sociais tiveram um papel fundamental nessas manifestações. Segundo notícia publicada no dia 18 de junho na edição *on-line* da revista *Exame*, os protestos geraram mais de 550 mil publicações nas redes sociais¹⁰. No Facebook, criavam-se eventos convidando as pessoas a se juntar aos manifestantes de São Paulo. A Copa das Confederações se aproximava, e esse seria considerado o momento mais favorável para que as manifestações alcançassem sua maior repercussão. Nas redes sociais, os participantes das manifestações atualizavam em tempo real o que estava acontecendo nas ruas. Postavam fotos, vídeos e comentários. Além disso, as pessoas compartilhavam *links* de matérias ou artigos publicados na mídia de massa sobre o que estava acontecendo – eram comentários e opiniões sobre os protestos e suas causas, especulações sobre as possíveis consequências, críticas ao governo federal etc. Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, entre os dias 20 e 22 de junho, os compartilhamentos de notícias passaram de 200 mil para 600 mil por dia¹¹.

As informações, então, não estavam apenas nas mãos dos grandes veículos de comunicação. Novas realidades eram construídas a partir dessas informações por cada indivíduo em suas páginas pessoais, e, assim, as notícias sobre as manifestações se tornaram a pauta principal dos noticiários durante duas semanas, ao lado da Copa das Confederações. Diariamente, novos protestos aconteciam, e não podiam ser ignorados. Se a televisão não

⁹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=APLEN2vPJpl>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

¹⁰ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/protestos-geram-mais-de-550-mil-publicacoes-em-redes-sociais>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

¹¹ Disponível em: <<http://app.folha.com/m/noticia/278591>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

noticiava, eles estavam nas mídias sociais, e as pessoas queriam saber mais. Nesse momento, a diferença entre quem sugere a pauta, quem agenda o que, torna-se uma linha tênue.

Nesse contexto de grande mobilização, em que “o gigante acordou”, como se de repente o país inteiro tivesse se dado conta dos próprios problemas e a partir de então fosse resolver tudo o que estava errado, a temática das manifestações leva a novas propostas políticas, como uma tentativa de reorganizar as estruturas do Brasil, de modo que as solicitações dos manifestantes pudessem ser analisadas. A Presidente da República, Dilma Rousseff, fez sua contribuição, com uma proposta de plebiscito sobre reforma política que aguarda aprovação no Congresso Nacional.

Como acontece em todos os eventos relevantes para a história do país, os poetas cordelistas também se manifestam. Registram a memória desse momento, a forma como os eventos os afetam, opinam sobre os acontecimentos e nos oferecem uma crônica poética da história. Abraão Batista fez isso em “O manifesto de todos nós”, folheto que analisaremos mais adiante. Antes disso, vamos nos deter em uma reflexão sobre as teorias do jornalismo e da construção da realidade, para que possamos compreender o processo de produção do cordel também como meio de informação.

A produção do jornalismo/os valores-notícia

A informação, transformada em notícia, é a matéria-prima do jornalismo. Mas, diante de tantos fatos que acontecem diariamente e compõem a realidade, como escolher aqueles que merecem ser tratados como notícia e, portanto, midiáticos? Quais são as características que atribuem importância, valores a um fato para que eles sejam noticiados?

O jornalismo não é um reflexo do real, como sugeriu a Teoria do Espelho, em que o jornalista seria “um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais.” (PENA, 2010, p. 125). O que faz o jornalista é construir realidades com base na realidade cotidiana, lugar em que os fatos apresentados acontecem. Essa construção acontece nos relatos, nos textos, que são produzidos a partir de óticas individuais, mediações, interpretações e uma série de fatores práticos relativos aos meios e ao público.

Relatar a realidade, transformá-la em texto, implica o que Wolf chama de “distorção involuntária”, que nada mais é do que

[...] distorções inconscientes, que dia após dia enfatizam uma certa representação da realidade social, prejudicando alguns de seus aspectos em favor de outros, *...+ um elemento que entra em jogo na dinâmica da difusão dos efeitos cognitivos ligados àquela imagem da realidade. (WOLF, 2012, p. 189).

A seleção do que vai ou não virar notícia é feita, nos veículos de comunicação de massa, seguindo os chamados critérios de noticiabilidade. Segundo Wolf (2012), o objetivo dos veículos de comunicação é fornecer à sociedade relatos de acontecimentos significativos. Porém, isso não é uma escolha fácil, já que a realidade cotidiana é constituída por uma infinidade de acontecimentos, nem todos eles considerados relevantes pela mídia de massa. Esse processo de escolha, junto ao modo de produção da notícia e no contexto das rotinas da prática jornalística, refere-se ao *newsmaking*, que nos apresenta a mídia e a sua construção de uma realidade. Aqui, elencamos apenas as características que, segundo Wolf, levam um acontecimento cotidiano a ser midiaticado. Chamamos de noticiabilidade a capacidade que um acontecimento tem de virar notícia.

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2012, p. 170).

É o que nos aponta a Teoria do *News-making*. De uma realidade complexa, cheia de acontecimentos que jamais caberiam por completo nas páginas de um jornal ou na programação de uma emissora, o jornalista seleciona aqueles fatos de maior valor-notícia. Esse valor seria medido pelos critérios de noticiabilidade. O *newsmaking*, então, é a teoria da comunicação que está voltada para o jornalismo, e para os produtos de mídia em geral, como construção social da realidade, na qual um sujeito, o *gatekeeper*, a partir de sua subjetividade condicionada por diversos fatores, faz recortes de realidades específicas a serem apresentadas ao público. A mídia recorta a realidade de seu contexto e a ressignifica em seus espaços, criando novos modos de apreender e interpretar os eventos, que são tratados como realidade.

Os critérios de noticiabilidade são vários e se referem, segundo Hohlfeldt (2008), às características da notícia e, portanto, ao seu conteúdo quanto à importância (grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; relevância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação) ou ao interesse (capacidade de entretenimento; interesse humano; composição equilibrada do noticiário). Têm relação também com a disponibilidade do material e com os critérios relativos ao produto informativo, aos meios de informação, ao público e à concorrência.

No contexto das manifestações, podemos refletir acerca de cada um desses critérios mencionados por Hohlfeldt (2008) como justificativa para a cobertura incisiva da mídia de massa e sua repercussão/concorrência nas mídias sociais. Como o objetivo deste trabalho não é discutir os critérios que fizeram das manifestações notícia, exemplificamos apenas alguns dos valores-notícia contidos nesses acontecimentos relativos ao conteúdo.

O evento das manifestações obedece aos critérios de importância e de interesse do conteúdo. Os acontecimentos referentes às manifestações mobilizaram o país, interferiram no comércio, no transporte público, nas rotinas de produção industrial e política, além de ocorrerem em datas próximas à Copa das Confederações, em que representantes de vários países se encontravam no Brasil e estavam atentos aos acontecimentos que aqui se desenrolavam. Uma manifestação de tamanha aderência, com cerca de 1 milhão de pessoas em aproximadamente 80 cidades do Brasil¹², teria efeitos políticos, envolveria a imagem de personagens políticos, principalmente a imagem dos ocupantes dos cargos do Poder Executivo. Essa previsibilidade era o que, de imediato, valorava as manifestações como notícia.

Os manifestantes, ao pedirem mudanças estruturais na política e na economia do país, impactavam o cenário nacional. O inusitado estava no fato de haver tantas coisas incômodas acontecendo no Brasil e até então os indivíduos permanecerem em uma espécie de acomodação e, de repente, um grande número de pessoas se mobiliza nas maiores cidades do país para protestar contra tantos problemas ao mesmo tempo. “O gigante acordou”, e isso precisa ser noticiado, pois o despertar do “gigante” representa o impacto que a mobilização de tantas pessoas teria sobre o Brasil.

Os destaques da cobertura nacional foram sobre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Mas cada capital teve sua representatividade, principalmente na

¹² Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/manifestacoes-pelo-pais-reunem-1-milhao-de-pessoas-em-pelo-menos-80-cidades-8764478.html>>. Acesso em: 9jul. 2013.

cobertura do dia 20 de junho de 2013, quando a Rede Globo de Televisão interrompeu sua programação para a transmissão de protestos em várias capitais. Os critérios utilizados para essa troca eram vários e se referiam à importância que as manifestações estavam adquirindo e ao interesse que a população tinha no resultado delas. Havia um grande interesse humano, afinal de contas eram pessoas que estavam em luta, que entravam em conflito com os policiais, que eram presas, e até mesmo aquelas que queriam assistir aos jogos de futebol. Tais eventos interfeririam no cotidiano do país, teriam impacto nos governos, principalmente nos representantes do Poder Executivo, por isso se transformaram em notícia e por isso deveriam ser registrados.

Por questões de linha editorial, alguns veículos se posicionavam contra, e outros a favor das manifestações. Mas ficava impossível desconsiderar o valor-notícia que esses acontecimentos tiveram: quer pelos impactos gerados sobre o Brasil, quer pela quantidade de pessoas mobilizadas em torno de uma possível mudança, quer pela relevância das propostas dos manifestantes, quer pelos possíveis desdobramentos desses protestos, enfim, quer por todo o interesse que isso provocou no país.

Não era possível fugir ou negar que algo de tamanhas proporções estivesse acontecendo no Brasil, até porque as mídias sociais estavam presentes nas manifestações, transmitindo-as “ao vivo” com textos, fotos e vídeos do que estava se passando nas ruas. A mídia de massa era pautada e ao mesmo tempo concorrente do Facebook.

O que acontecia era um agendamento mútuo, entendendo agendamento como “esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública.” (MCCOMBS, 2009, p. 17). A divulgação, os convites e as discussões nas mídias sociais sobre as manifestações pautaram a mídia de massa, ao mesmo tempo que as situações construídas nos relatos da mídia de massa contribuíram para que o assunto se fizesse presente por mais tempo e as discussões sobre ele tivessem repercussão até mesmo fora do Brasil.

O agendamento não diz o que pensar, mas sobre o que pensar, segundo McCombs (2009). A agenda da mídia torna-se, assim, a agenda do público, e isso aconteceu no contexto das manifestações de junho, no qual elas passam a ser o assunto principal das pessoas, não só por estar presentes nas mídias, mas também pelos impactos causados, pelas consequências que carregariam. Desse modo, as manifestações chegam também aos folhetos de cordel, que, como mídia, realizam um registro tanto dos eventos que são parte do cotidiano, quanto dos eventos que viram notícia e que fazem parte da história do país.

Folhetos noticiosos: Folkcomunicação e ativismo midiático

Para Kunz (2001), os versos de cordel são um testemunho que apresenta a realidade em que vivem os poetas. Tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece inacessível. O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, e sim o elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de coautor, colaborador, uma vez que autor e leitor estão juntos no processo de criação de uma cantoria.

Os folhetos têm uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Sua voz é plural, pois se trata de uma literatura do povo, uma produção coletiva criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que, juntas, compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta, recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver* e *ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir, reproduzir) o que “viu e ouviu”, divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição. (LEMAIRE, 2007, p. 6).

Como portadores de notícias, inicialmente os folhetos serviam de “jornais do sertão”. Os cantadores, que viajavam muito em apresentações, levavam aos lugares as histórias que circulavam nas demais localidades por onde passavam. A notícia era veiculada pela voz dos poetas. Com o acesso dos poetas às máquinas impressoras, aos poucos essas notícias passaram a chegar na forma impressa, mas ainda em poesia. Notícias, por exemplo, do que acontecia nas romarias em Juazeiro do Norte (CE) eram muito comuns. Tanto que Padre Cícero, figura marcante da região, está entre os personagens que mais aparecem nos folhetos, ao lado de Getúlio Vargas, Lampião, Frei Damião e Lula.

Nesse sentido, pensamos na Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2004, p. 47), e no folheto de cordel como um instrumento utilizado para essa transmissão, com o intuito de contar a realidade a partir de sua própria ótica.

A preocupação do poeta é mostrar a própria realidade, o seu cotidiano, e não necessariamente seguir padrões do exercício jornalístico de apuração, como a prática básica de dar voz a todos os lados de um fato. O poeta conta os fatos de acordo com a própria opinião e de acordo com as interferências que aquele fato tem em sua vida ou em sua comunidade. É a ótica do poeta que vemos apresentada. Esse poeta é o que Beltrão (2004) chama de “agente folkcomunicacional”.

Poeta cordelista não é jornalista, mas pode utilizar a mesma matéria-prima, o acontecimento, com o objetivo de registrar a realidade. Historicamente, poetas e cantadores exerciam a função de relatar os acontecimentos. Essa prática é reconfigurada em uma época em que os acontecimentos não esperam mais pela impressão dos versos para se tornarem conhecidos. As chamadas mídias de massa não são de acesso exclusivo de camadas hegemônicas. O diferencial que o poeta cordelista oferece é a interpretação dos acontecimentos que já foram apresentados nos outros veículos de comunicação.

Os temas que aparecem na literatura de cordel são adaptados ao meio onde os poetas/intérpretes circulam, ao sentimento do grupo ao qual eles fazem parte, e referem-se a fatos considerados relevantes, independentemente de onde tenham acontecido. Desse modo, os poetas tratam de temas como piadas (chistes), acontecimentos, biografias, mitos, romances, acontecidos fantásticos. Interpretam os acontecimentos, contam a vida de personagens ilustres, analisam as notícias, fazem crítica social, divulgam ideias... Representando a voz do sertanejo, o poeta de cordel se torna uma espécie de jornalista popular.

Esses poetas, que de enunciadores da informação passam a indivíduos que ressignificam a realidade, também têm critérios sobre as temáticas consideradas relevantes para seu grupo social de consumidores. Permanecem como agentes comunicacionais, líderes de opinião, mas suas práticas são diversificadas.

No contexto das manifestações tratadas neste artigo, o papel do poeta cordelista é o de um agente que difunde e interpreta os acontecimentos, além de utilizar a mídia à qual tem acesso como outro instrumento de manifestação, com o qual o poeta se posiciona e convoca seus leitores a também se manifestarem. Os folhetos de cordel se aproximam de uma espécie de jornalismo interpretativo popular muito mais por seu conteúdo, do que pelas práticas dos poetas, os quais utilizam as informações obtidas nos demais veículos de comunicação e atuam como mediadores nesse processo de ressignificação dos acontecimentos, o que aproxima cordel e jornalismo.

Está na comunicação jornalística, na informação dos fatos correntes e no apanhado exato da opinião pública, expressa nos veículos de transmissão de ideias e sentimentos coletivos, a orientação e o instrumento de que precisamos para assumirmos, consciente e coerentemente, a posição que nos cabe no concerto internacional. Não podemos continuar a ignorar o pensamento de metade da população brasileira, se quisermos efetivamente corresponder à expectativa e à civilização do nosso tempo. (BELTRÃO, 2004, p. 56).

O que chega ao conhecimento do poeta e que ele interpreta como importante ele interpreta e transforma em poesia. Falam de temas como a morte de Getúlio Vargas e Tancredo Neves, enchentes, doenças, questões ambientais... Temas de relevância pública, que o poeta interpreta e escreve, exercendo assim uma de suas diversas funções, que é a de informar.

Em 21 de abril

O dia de Tiradentes

A Pátria caiu no pranto

Porque as rádios dolentes

Gemeram em notícias breves

Faleceu Tancredo Neves

O melhor dos presidentes¹³

Os ciclos temáticos dos folhetos de repercussão social defendidos por Diegues e outros (1986) caracterizam-se por trazer uma expressão social e por conteúdos que repercutem entre os leitores.

¹³Crispiano Neto, "Adeus, Tancredo!", 1985.

Teus olhos demonstram a dor, a tristeza

Miséria, pobreza

E cruéis privações

E enquanto essas dores tu vive penando

Vão ricos roubando

Milhões e milhões

Garoto eu desejo que em vez deste inferno

Tu tenhas caderno

Também professor

Menino de rua de ti não me esqueço

E aqui te ofereço

Meu canto de dor¹⁴

O cordel opõe à realidade um combate “dado no modo imaginário e cujas armas são a utopia, o mito, a lenda, o milagre...” (KUNZ, 2001, p. 62). Para que haja esse combate, é preciso que sejam explorados a memória e o imaginário coletivos. “Todos eles, santos e dragões, fazendeiros e cangaceiros, amantes e vaqueiros, boi encantado e pássaro de ferro, atravessam o sertão, cruzando fronteiras indecifráveis entre real e irreal.” (KUNZ, 2001, p. 63).

Os poetas transmitem as informações que lhes foram passadas pelos seus conhecidos ou de que foram testemunhas. As histórias vão de boca em boca, transformam-se em versos e em seguida são impressas em folhetos de cordel. Por sua relação com o factual, com fatos a serem relatados, há uma certa pressa na impressão desses folhetos. O poeta conta sua própria história por meio das peripécias de seus personagens. É muito comum a existência de conflitos maniqueístas na literatura de cordel, ou seja, histórias que apresentam uma luta do bem contra o mal. Por exemplo, nos cordéis estudados sobre o Presidente Lula, ele aparece como o bem que vai lutar contra males como a corrupção, a pobreza e a miséria. Assim, a poesia que relata

¹⁴Patativa do Assaré, “Menino de rua”. *Aqui tem coisa*. São Paulo: Hedra, 2004.

aspectos da realidade (re)construindo-a é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressa pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta de ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas, nos cordéis, a informação que surge tem estética própria, diferente daquela presente em outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que enfocam não apenas figuras políticas importantes ou celebridades, mas também fatos marcantes para a história. De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de “locais específicos”, que se entende como o sertão ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

O folheto aproxima-se do jornalismo quando seu texto tem elementos como atualidade e difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – já que a produção não se propõe a manter uma continuidade nem seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

O poeta é, assim, produtor e mediador de diversos conteúdos midiáticos. Um líder de opinião, agente folkcomunicacional. Detentor de um veículo de comunicação, de uma mídia pela qual consegue transmitir suas opiniões e ressignificar os acontecimentos da realidade apresentados pelos *mass media*. O cordel é uma mídia não só pelo suporte, mas também pelo conteúdo socialmente relevante e significativo que ele difunde, pelos conhecimentos contidos nos versos, pela memória e tradição que o compõem e que são mantidas por ele. As várias faces dos folhetos nos permitem direcionar o olhar para esse objeto a partir de cada área do conhecimento, sem necessariamente negar as demais. Basta um olhar mais aprofundado, e poderemos perceber nos folhetos suas tantas formas de inserção social.

O folheto sobre as manifestações do mês de junho de 2013 é uma amostra desse cordel noticioso, que se baseia em um fato da realidade cotidiana para ser construído, referindo-se a um evento inusitado, de grande repercussão social e que, assim como na mídia de massa e nas redes sociais, é (re)construído nos folhetos, mas em forma de poesia. Os critérios de noticiabilidade que compõem o interesse do cordelista estão relacionados às características da Folkcomunicação, como teoria que lança um olhar sobre as temáticas de interesse popular e sobre a utilização do folheto como uma forma alternativa de informar e interpretar os acontecimentos.

“O manifesto de todos nós”

O tema das manifestações ocorridas durante o mês de junho de 2013 tornou-se recorrente para além do espaço da mídia de massa. Como já tratamos aqui, as redes sociais foram muito importantes para a mobilização dos protestos e a sua divulgação, as informações que circulavam com grande velocidade, muitos eram os conteúdos compartilhados, comentados. O assunto de interesse público vira, também, pauta em poesia de cordel. Em folheto e nas redes sociais. Por exemplo, na página do Facebook, Tributo ao Cordel, foram publicados no dia 22 de junho versos de autoria de Nando Poeta¹⁵, cordelista natalense.

Folhetos noticiosos têm essa característica de, a partir de um fato agendado pela mídia de massa, se inspirar em temas capazes de gerar interesse em leitores que irão comprar os folhetos como forma de registro de determinado evento que se torna histórico. Diante da quantidade de informações que circulou sobre os protestos, o que os poetas fizeram não foi necessariamente informar que estavam acontecendo manifestações, mas sim uma interpretação dos acontecimentos em seus textos, como forma de construir uma realidade versificada, para ser cantada, em que a opinião do poeta fica evidente. Mais do que relatar os acontecimentos, os poetas utilizam um discurso analítico e interpretativo.

Diante da importância e dos impactos das manifestações, critérios de noticiabilidade semelhantes aos do jornalismo são levados em consideração para a produção de um folheto. Os protestos também têm valor-notícia para os folhetos, que tratam de temáticas sociais, que transmitem conhecimento. Há interesse público por essa temática, e o cordel dá um tratamento

¹⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=202893583198438&set=a.130565527097911.28127.130470963774034&type=1&theater>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

diferenciado às informações. Assim, a memória das manifestações não fica restrita ao efêmero das redes sociais e das 24 horas de vida de um jornal.

Abraão Batista, então, publica ainda no mês de junho de 2013 o folheto “O manifesto de todos nós”, com 8 páginas e uma tiragem inicial de 1.000 exemplares, distribuída gratuitamente pelo poeta. O assunto das manifestações fazia parte do cotidiano do momento. O folheto constrói um campo simbólico em que o objetivo não é apenas informar sobre os protestos, afinal as pessoas já recebiam um número incontável de informações tanto da mídia de massa quanto nas redes sociais. O folheto de Abraão analisa algumas das pautas, as ações dos sujeitos participantes, e faz de seus versos uma forma a mais de protesto.

O Manifesto diz assim:

O povo está cansado

Desta cruel corrupção

Como, de ser enganado

Pelos partidos mesquinhos

E político safado

Queremos ver pratos limpos.

A Justiça apoiada

A impunidade deixa

A nossa gente esmagada

A Pê É Cê trinta e sete

Deve, então ser rejeitada

Nesse caso, temos um folheto informativo em que o poeta não produz a notícia, não a apura. Como acontecimento de grande interesse nacional, as informações nele trabalhadas são obtidas pelas notícias veiculadas pela mídia de massa, as mesmas informações às quais têm acesso o público leitor dos folhetos. O que o poeta faz é uma espécie de jornalismo opinativo, ao

mesmo tempo que aproveita sua mídia para registrar as próprias insatisfações sobre os assuntos que geraram as manifestações.

O folheto começa com os comentários do poeta sobre o uso da força bruta, referindo-se à repressão policial aos manifestantes. Ele aproxima essa prática, usando o mesmo adjetivo, “abestado”, ao comparar os policiais com indivíduos corruptos. Para Abraão, os corruptos desprezam “os bons costumes”. Trata-se de um julgamento de valor em que o poeta avalia a ação do outro a partir de sua própria subjetividade, que classifica os costumes como bons ou ruins. Como já dissemos, o maniqueísmo é comum no discurso dos folhetos, sejam eles de ficção ou noticiosos, principalmente se considerarmos que a opinião do poeta é o grande diferencial entre a notícia veiculada no folheto e aquelas que circulam pela mídia de massa.

Nos assuntos destacados pelo poeta no folheto podem ser observados critérios de noticiabilidade semelhantes aos do jornalismo, no que se refere ao conteúdo. Pensamos na importância do evento das manifestações e seus impactos sobre a nação, mas que também impactam a vida dos cordelistas e do público leitor dos cordéis, como indivíduos que compartilham dos acontecimentos, cujas consequências serão sentidas por todos. Assim, Abraão destaca que a situação atual do Brasil carece de saúde, educação e políticos honestos, por isso o povo, “irritado”, resolve pedir soluções.

O Brasil é sacudido

A partir de uns centavos

Desse grito veio a gota

Que tocou rosas e cravos

Acordando o gigante

A República e os bravos

O poeta contextualiza o início das manifestações e menciona a situação dos professores de Juazeiro do Norte, que tiveram uma redução salarial de 40% nas gratificações aprovada pela Câmara dos Vereadores. Temos, então, o critério de proximidade e, novamente, de interesse público. Abraão, que mora em Juazeiro do Norte, menciona esse acontecimento em sua cidade, onde também houve protestos, com repercussão nacional. Um corte de recursos na educação

aprovado pelos vereadores obedece ao critério do inusitado, considerando que professores já têm salários baixos e que serão reduzidos ainda mais. Ao mesmo tempo que o poeta menciona esse fato, ele opina, classificando os vereadores como “corruptos de nascença”, a Câmara como “abestada” e o salário dos professores como “de fome”.

Abraão faz uma generalização ao afirmar que “nenhum brasileiro” está satisfeito com a situação do país. Percebemos, assim, mais um elemento que caracteriza o texto do cordel como opinativo, em que a opinião é a percepção da realidade por parte do poeta. Os únicos dados objetivos que os versos trazem são os nomes dos vereadores que votaram contra a redução dos salários dos professores de Juazeiro do Norte.

Só quatro vereadores

Ficaram ao bom favor:

Tarso Magno, Gledson Bezerra

Defenderam o professor

Rita Monteiro, Claudio Luz

Também do grupo defensor.

Assim, seguindo uma estrutura de apresentação opinativa dos manifestos e dos comportamentos de políticos, Abraão faz o próprio manifesto, como uma análise das situações que levaram às manifestações, ao mesmo tempo que usa o folheto como forma de protesto. Abraão mostra suas próprias insatisfações, muitas delas são as mesmas levantadas nos protestos, como a PEC 37, questões de saúde e educação, a violência e repressão policial aos protestos e a corrupção.

Embora saibamos que o jornalismo não é objetivo, que todo texto consiste sempre na construção de uma realidade a partir da interpretação feita pelo autor da realidade cotidiana por ele percebida e que a própria percepção é mediada por fatores sociais, culturais, históricos e subjetivos, podemos dizer que o jornalismo se baseia em dados apurados muito mais do que na opinião do jornalista, expressa em adjetivos e reflexões, argumentações, avaliações e previsões, a não ser que se trate de jornalismo opinativo.

Nos folhetos noticiosos, essa forma textual é muito comum. O poeta não é jornalista, ainda que alguns se considerem poetas-repórteres. Podem até ter formação em jornalismo, exercer essa função em veículos de comunicação de massa, trabalhar como colaboradores, mas nos folhetos de cordel, ainda que noticiosos, não se trata de jornalismo, e sim de difusão de informação, de conhecimento a partir das opiniões do poeta.

Em conteúdo, o cordel está muito próximo da crônica, na qual o que mais interessa é a opinião do autor a respeito daquele fato que foi escolhido com base em critérios de noticiabilidade, em fatos que têm um valor-notícia considerável, mas que parte da subjetividade do poeta/cronista, da sua forma de perceber e sentir os fatos, de construir uma realidade a partir dos detalhes e/ou de sua sensibilidade para avaliar um contexto sem, necessariamente, utilizar dados oficiais e técnicos, mas principalmente a partir do cotidiano e de suas percepções dos acontecimentos.

O Brasil mostrou com força

Em suas grandes capitais

Firmeza e reclamação

Revelando uns bons sinais

Para a presidente Dilma

Sair logo desses umbrais.

Pensar sobre os critérios de noticiabilidade no contexto da Folkcomunicação inclui as relações entre o agente comunicacional e a proposta de uma interferência social. Elencamos uma série de critérios referentes ao conteúdo, mas, contextualmente, o papel do agente *Folk* é realizar a mediação entre os acontecimentos considerados relevantes e midiaticamente explorados e um público que demanda a interpretação desses acontecimentos, para compreender como cada fato interfere em seu cotidiano. Abraão Batista faz isso quando segue os diversos critérios mencionados neste trabalho. Na posição de poeta popular, ele não se isenta da discussão sobre os problemas sociais do Brasil, interpreta o contexto e se posiciona desde o título do folheto, que se refere a um “Manifesto de todos nós”.

Considerações finais

O registro impresso feito pelo poeta Abraão Batista sobre as manifestações de junho de 2013 no Brasil, além de utilizar-se dessa mídia como forma de protesto, mostra a permanência do folheto de cordel como veículo noticioso. Em um contexto em que há informações em excesso, em que as redes sociais dominam o cenário informativo e de protesto, os folhetos continuam se fazendo presentes, demarcando seu espaço e com um diferencial que é o da opinião, não sendo apenas uma reprodução daquilo que as outras mídias veiculam.

Abraão Batista, ao publicar seu manifesto ainda no mesmo mês em que as manifestações aconteceram, prova que a atividade produtiva dos folhetos acompanha o cotidiano, que continua viva e que seus produtos estão presentes na construção de uma realidade. Não se trata mais de um veículo utilizado exclusivamente para informar, uma vez que a efemeridade das notícias que circulam pela mídia de massa tornaria obsoletas e ultrapassadas as notícias contadas nos versos de cordel tão logo eles saíssem.

No folheto, a presença da informação continua, e ele é usado para difundir as notícias, para interpretar os acontecimentos; contudo, não é mais o único meio de informação de que dispõem os indivíduos. Trata-se de um registro da memória, de uma crônica do cotidiano, em que a subjetividade do poeta na construção da realidade se sobressai à notícia em si, pois a notícia já é conhecida e, no caso das manifestações de junho, amplamente divulgada e comentada. Assim, podemos notar que a função noticiosa dos folhetos não fica restrita ao passado, não está fechada e não implica atraso ou engessamento da notícia nem o oposto de modernidade. A informação, o conhecimento, a opinião continuam circulando nos folhetos, servindo de mote para a poesia. Até por isso é uma produção que continua ativa.

A Folkcomunicação nos auxilia a construir um olhar sobre a prática dos cordelistas e sobre os conteúdos apresentados nos folhetos. No contexto das manifestações de junho de 2013, a teoria nos ajuda ainda a compreender a utilização que o poeta faz de um veículo de comunicação popular como instrumento de luta, representando o posicionamento de um grupo que também se mostra insatisfeito com a situação socioeconômica do país. Cada um desses aspectos demanda reflexões específicas e mesmo as análises aqui levantadas remetem a uma série de novos questionamentos que sugerem a utilização da Folkcomunicação e dos estudos realizados por Luiz Beltrão.

Temos como objetivo desenvolver as reflexões iniciais abordadas neste trabalho a partir do caso das manifestações de junho de 2013 com a inclusão de novos casos em que encontremos folhetos abordando acontecimentos cotidianos de grande interesse social e também seguindo critérios de noticiabilidade estabelecidos pelo jornalismo, a fim de buscar as possíveis aproximações existentes entre eles e investigar a forma como os folhetos tratam as temáticas noticiosas nos dias atuais. Para isso, precisamos de mais tempo e mais acontecimentos, e mais folhetos precisam surgir. A pesquisa continua.

Referências

- BELTRÃO, L. (2004). **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp.
- DIEGUES, M. et al. (1986). **Literatura popular em verso: estudos**. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). (2001). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes.
- KUNZ, M. (2001). **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará.
- LEMAIRE, R. (2007). Rer os textos: resgatar as vozes. In: FUNK, G. (Org.). **Estudos sobre patrimônio oral**. Ponta Delgada, Açores: Câmara Municipal de Ponta Delgada.
- LUYTEN, J. M. (1992). **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade.
- MCCOMBS, M. (2009). **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes.
- PENA, F. (2010). **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto.
- WOLF, M. (1999). **Teorias da comunicação**. São Paulo: Presença.